



A Beleza da nossa esperança

Bom dia a todos e obrigado pelo convite para participar no vosso encontro.

O Centro de estudos e investigação Ezio Aletti, a que pertenço, nascido a pedido de João Paulo II, funciona tanto no âmbito teológico quando no âmbito artístico-espiritual. Durante alguns anos tive a possibilidade de trabalhar no atelier de mosaico do Centro e de há alguns meses para cá presto serviço na prisão de Rebibbia, em Roma, para ensinar a arte do mosaico a alguns presos. Faço esta premissa porque está ligada ao tema que hoje aqui tratamos e porque eu queria partir precisamente da minha experiência pessoal.

Nas últimas semanas estive a meditar sobre alguns pontos que queria tratar convosco hoje, questões relativas à esperança cristã, e uma manhã, enquanto prestava serviço na cadeia, um dos presos perguntou-me: “Paolo, porque é que no Pai-Nosso pedimos: venha a nós o vosso Reino? O que é este ‘reino’ de Deus?”.

No breve diálogo com eles (normalmente não perdemos demasiado tempo em discussões teológicas!) veio à tona sobretudo a distância que há entre o reino de Deus e o do homem, a diferença entre a sua realza e o modo de exercitar o poder por parte dos homens. No final daquela manhã de trabalho, enquanto eles conversavam sobre a fraca qualidade da comida na prisão, eu continuei a refletir sobre a esperança e perguntei ao Senhor se não valeria a pena colocar-lhes a eles essa pergunta. No fim acabei por decidir-me.

“Rapazes! (não são muito jovens, mas este é o jargão da cadeia), posso fazer-vos uma pergunta? O que é que vocês acham sobre a esperança? O que é para vocês?”

Fez-se um momento de silêncio. O primeiro a responder foi o Giuseppe: “eu acho que a esperança é a LIBERDADE”.

Depois o Gianluca acrescentou: “para nós a esperança é o café de manhã, é o que nos leva a andar para a frente”.

O Pasquale continuou: “a nossa esperança é reencontrar um dia aquilo que deixámos”. E ainda: “a esperança para nós, presos, é que esta experiência da prisão possa um dia fazer sentido. Que possamos um dia dizer que serviu para alguma coisa!”.

No fim disse-me o Giuseppe: “mas no fundo, Paolo, a esperança não é talvez aquilo de que falámos hoje de manhã? A nossa esperança acaba por ser só que VENHA O SEU REINO!”

Confesso que não esperava nada receber respostas tão profundas da parte deles. Engoli as lágrimas enquanto eles falavam e tomei nota numa folha dessas palavras que não podiam deixar de vir da “boca dos pequeninos”, porque o verdadeiro conhecimento foi-lhes revelado a eles. Por isso confio-me às suas intuições e deixo-me guiar por esta sabedoria.

A esperança é a LIBERDADE, disse o Giuseppe.

O que é que isto significa? Claro que para uma pessoa que vive na prisão a liberdade pode parecer-nos a necessidade mais óbvia: pensamos imediatamente que ela consiste em sair de trás das grades, em poder mexer-se sem limites, em poder fazer aquilo que queremos. Mas eu penso que existe algo de muito mais profundo dentro destas palavras.

O que é para nós a liberdade senão aquilo de que fala S. Paulo na Carta aos Romanos?

A criação aguarda [...] com a esperança de ser, também ela, libertada da servidão da corrupção para participar, livremente, da glória dos filhos de Deus. (Rom 8,19-22)

É evidente que a humanidade experimenta quotidianamente a condição de escravidão. Quem pode dizer que é totalmente livre? Não somos no fundo todos escravos neste mundo e vivemos à espera de uma libertação?

O homem é escravo da sua solidão até que chegue a descobrir-se plenamente filho, estamos “presos” na cadeia da nossa individualidade egoísta e se não tivéssemos cadeias nem sequer existiria a esperança. Di-lo ainda claramente S. Paulo: a fé e a esperança acompanham-nos neste caminho mas quando entrarmos na plenitude da glória de Deus ficará apenas a caridade porque Deus é amor e já não será necessário esperar mais nada (1Cor13,13).

Portanto, quando falamos de esperança não podemos não partir da constatação do facto de que estamos numa condição de falta.

Repete-o ainda S. Paulo: *Porque na esperança é que fomos salvos. Mas, a esperança que se vê não é esperança, pois aquilo que alguém vê, como é que o espera ainda? Mas se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos. (Rom 8,24-25)*

Por isso o Apóstolo diz que é o Espírito Santo que nos impele em direção a alguma coisa que não possuímos mas que o nosso coração deseja, pelo qual anseia. Comenta-o ilustremente santo Agostinho:

O Espírito de Deus move os santos a rezar com gemidos inefáveis, inspirando-lhes o desejo de uma coisa muito grande, mas ainda desconhecida, que nós aguardamos através da esperança. De outra forma, como se poderia descrever na oração um bem que se deseja, sem conhecê-lo? Na realidade, se fosse totalmente desconhecido, não seria objeto de desejo e se, por outro lado, se visse, como realidade já possuída, não seria nem desejado, nem procurado com gemidos.

O objeto da nossa esperança, portanto, é uma liberdade, uma vida plena que não possuímos agora, mas que de algum modo conhecemos. Não nos é totalmente estranha, poderemos dizer que de algum modo ela nos pertence. É um impulso interior e, como dizia Gianluca, é o café da manhã. Ela move-nos a partir de dentro mas é também um Outro que nos atrai a Si, porque, como nos diz Santo Agostinho, “fizestes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em vós”.

Mas o que é exatamente a nossa esperança? Em que é que se distingue da do mundo?

Diz-nos o Papa Francisco numa das suas catequeses deste ano dedicadas à esperança:

A esperança não é um otimismooptimismo. A esperança é um dom, é um presente do Espírito Santo, e por isso S. Paulo dirá: “Nunca desilude”. A esperança nunca desilude porquê? Porque é um dom que nos deu o Espírito Santo. Mas S. Paulo diz-nos que a esperança tem um nome. A esperança é Jesus.... Se tu não dizes: “Tenho esperança em Jesus, em Jesus Cristo, Pessoa viva”, isso não é esperança. É bom humor, otimismo.

A nossa esperança não é otimismo, não consiste em viver confiando numa deusa da sorte que talvez faça girar as coisas a nosso favor. É uma visão que vai além do presente, mas deve ser uma visão real para não ser “ilusão”, e esta certeza só Cristo nos dá.

Há uma poesia do poeta francês Charles Peguy que descreve a esperança como a filha mais nova da Fé e da Caridade mas que, sem que se deem conta, arrasta-as em direção ao futuro que só ela vê:

*A Esperança é uma miudinha de nada.
Que veio ao mundo no dia de Natal do ano passado.
Que ainda brinca com o boneco janeiro.
[...]
E no entanto é essa miúda que há de atravessar os mundos.
Essa miúda de nada.
Só ela, levando as outras, é que há de atravessar os mundos revolvidos.
[...]
É ela, essa miúda que tudo arrasta.
Porque a Fé só vê o que é.
E ela, ela vê o que será.
A Caridade só ama o que é.
E ela, ela ama o que será.
[...]
Deus fez-nos esperança.*

Dizíamos que só ela vê porque a esperança é uma intuição sobre o futuro, vê para lá do véu que nos separa da plenitude, e o último véu que obscurece o homem e o impede de esperar verdadeiramente é a morte. Por isso só Cristo pode ser o fundamento da nossa esperança, porque só Ele rasgou esse muro.

Nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus e, como nos ensinam os padres da Igreja, ainda que o pecado não tenha podido eliminar a imagem de Deus no homem, obscureceu a semelhança. Santo Ireneu diz que Deus criou o homem à imagem do Filho, enquanto que a semelhança é o dom do Espírito Santo. O caminho do homem é, pois, dinâmico; é a contínua adesão às inspirações do Espírito na nossa vida. Um santo russo, Serafim de Sarov, diz que o objetivo da vida cristã é precisamente ganhar o Espírito Santo, que podemos traduzir como: a beleza da semelhança. Esta semelhança é então o tesouro belo que perdemos mas que o nosso coração conhece, deseja e espera, ainda que sem o saber, porque só as coisas belas nos atraem.

Há uma frase popular em italiano que diz assim: *não é belo o que é belo, é belo o que agrada*. E quando se ouve esta frase percebe-se logo que se está a tentar calar quem se atreva a exprimir qualquer perplexidade em relação aos gostos de outro. A Igreja opôs-se sempre a este tipo de mentalidade relativista, afirmando que a beleza não é uma coisa puramente subjetiva, porque não é separável de Deus, aliás a beleza pertence unicamente a Deus.

A beleza será então um absoluto, uma perfeição ideal. O problema é que este critério pode assumir os contornos de um princípio dogmático e tornar-se um verdadeiro preceito. Se encerro a beleza dentro dos cânones estéticos, não me resta alternativa senão apresentar os meus cumprimentos, aceitando este dado de facto e procurando tornar a minha realidade idêntica a este ideal. Mas trata-se de um esforço vão, uma tentativa moralística, e quantas vezes caímos num tal engano! É a tentativa de aperfeiçoar a nossa vida, de tornar a nossa vida semelhante a Cristo, de encaixá-la dentro dos critérios que

aprendemos com a nossa doutrina. E, pior, por vezes tentamos durante muito tempo mudar também quem está ao nosso lado de acordo com estas leis, procurámos impô-las sobre a realidade, pensando que fosse nossa tarefa colocá-las em prática. Este é o engano dos “modelos ideais” que assumimos como princípios inspiradores para a nossa vida e que nos invadem em todos os âmbitos. Mas os modelos estéticos não são só os do cinema; esses apesar de tudo podem assumir também um carácter religioso.

Um pensador cristão russo que viveu no final do século XIX, Vladimir Soloviev, afirma que a beleza é uma realidade na qual a verdade e o bem tomam corpo, aliás, a beleza é a forma sensível do bom e do verdadeiro.

“O bem e a verdade, para realizar-se verdadeiramente no sujeito, devem tornar-se uma força criativa capaz de transfigurar a realidade e não apenas de refleti-la”.

A beleza não é apenas reflexo de uma ideia de perfeição e não é sequer uma simples encarnação dela, mas é a realização da verdade e do bem. Sem a beleza, a verdade e a bondade tornam-se uma ditadura, enquanto que juntas revelam o rosto de Deus. E se a Verdade, a Bondade, a Beleza são o ROSTO de um Deus pessoal, isto muda totalmente as coisas! Porque não se trata nunca de uma definição à qual submeter a mente, ou um imperativo moral ao qual obedecer, ou um modelo ao qual conformar a minha vida e o meu trabalho. Só Cristo é a revelação da verdade, a realização da bondade, ele é “o mais belo dos filhos do homem”. Portanto a beleza não pode deixar de ser cristológica.

Mas avancemos e perguntemo-nos em que é que consiste a beleza de Cristo. Porque é Ele o mais belo dos filhos do homem? A resposta vem-nos das palavras do Evangelho: porque quem O vê a Ele, vê um Outro. A beleza de Cristo consiste no facto de que Jesus não encerra em si mesmo o olhar que atrai. Uma coisa é bela porque deixa entrever uma realidade superior. É ainda Soloviev que afirma isto nos seus escritos sobre a beleza. A luz, diz ele, é o primeiro princípio do belo na natureza, na medida em que é o princípio capaz de libertar a matéria do seu peso e da sua impenetrabilidade. Uma realidade fechada à luz, portanto, é isolada e por isso é feia, mas torna-se bela quando começa a fazer “transparecer” uma realidade superior. Para ilustrar esta afirmação, Soloviev dá o exemplo do diamante. Pela sua composição química, o diamante é idêntico ao carvão; mas enquanto que este último sufoca a luz, o diamante fá-la resplandecer. Consequentemente, a beleza pode ser definida como *“uma transfiguração da matéria através da encarnação nela de um princípio diverso, trans-material”*. Ele acrescenta, pois, que a beleza é a expressão da única “ideia” capaz de reunir todo o cosmos. E esta é a pessoa de Cristo: aqui está porque a beleza é cristológica. No Verbo encarnado nós vemos a beleza suprema, porque é o esplendor do Pai: *Quem vê a mim vê o Pai* (Jo 14,9).

Anteriormente dissemos que a esperança nos impele para além do véu da morte. Agora intuímos o papel da beleza neste salto.

A beleza, para ser alguma coisa de real e não de efémero, deve ser alguma coisa que supera a morte e a corruptibilidade. Mas na medida em que aquilo que fazemos e em que trabalhamos está ainda sujeito à morte, não pode ser realmente “belo”, ou seja, não pertence a uma qualidade superior. Uma coisa é bela porque nela transparece alguma coisa que permanece, ou seja, faz transparecer em si a verdade e o bem. A verdadeira beleza, então, consiste em unir as criaturas à ressurreição de Cristo. O triunfo da beleza será quando Cristo recapitular tudo em Si e entregar o reino ao Pai (Ef1,10; 1Cor15,24). Por este motivo, creio que podemos dizer que só a Igreja é criativa: é criativa na medida em que é capaz de criar o Belo, porque só a Igreja nos pode transplantar numa realidade que supera a morte. Só o batismo nos enxerta nesta vida superior.

Para nós cristãos, o horizonte teológico de onde colhemos inspiração é o *êschaton* [escato; último]: é

este o lugar onde reside em pleno a beleza que nos inspira e é em direção a esta meta que nos impele a nossa esperança. São Paulo diz que nós somos “*ressuscitados dentre os mortos*” (Rom6,13), e é uma expressão muito forte para dizer que a vida que nós cristãos vivemos é uma vida totalmente nova. Não era suficiente o esforço humano para mudar ou corrigir a nossa realidade, foi necessário uma intervenção radical de Deus para nos fazer participar numa vida nova que não podíamos dar-nos a nós mesmos. E esta nova vida está “já” para além da morte. A morte para nós é uma realidade que ficou para trás das costas, sepultámo-la no dia do nosso batismo muitos anos atrás! Por isso compreendem como é ilusório deixar-se inspirar por uma beleza que tente miseravelmente corrigir as formas estéticas da nossa vida ou, pior, que faça isto seguindo as categorias do mundo. Compreendem como é ilusório e nocivo embelezar esta vida idealizando as formas, tentando tornar o mundo formalmente melhor. Trata-se antes de viver a nossa condição de criaturas fazendo-a entrar em Cristo, ou, poderemos dizer, fazendo agir a potência do reino de Cristo em nós. Nós estamos já neste reino, porque somos membros de Cristo, e Cristo vive em dois registos: aqui, como peregrino, e lá, na glória do Pai. Trata-se então de viver o nosso caminho no mundo mas com a perspetiva justa, não aquela que parte cá debaixo. As coisas, de facto, veem-se bem apenas a partir do fim: a vida compreende-se a partir da sua meta, a semente avalia-se pela colheita. Sem esta perspetiva enganamo-nos e corremos o risco de dar grande relevância a ideias ou teorias que são apenas sublinhados de pormenores ou de modas passageiras.

Aqui está porque é fundamental o horizonte escatológico. Esta é a meta da nossa esperança e aqui se colhe a beleza definitiva das coisas. É ainda Soloviev que defende que uma obra de arte pode definir-se como tal quando é “*representação sensível de um qualquer objeto ou fenómeno do ponto de vista do seu estado definitivo, ou seja, à luz do mundo futuro*”.

Regressando aos amigos presos: quando disseram que a esperança é encontrar alguma coisa que nos pertence e que deixámos, disseram uma coisa muito verdadeira. Trata-se na verdade de um trabalho de memória mas não uma memória do passado. Recordar eventos passados é uma coisa natural, enquanto que nós cristãos temos uma memória do futuro, uma memória possível num tempo onde a fragmentação pode ser curada.

Nós estamos habituados a pensar que o reino é o efeito da forma como as coisas correm na terra, come se ele fosse o efeito dos nossos esforços, mas o reino não é a consequência, ele é antes a causa, é a razão pela qual subsistem o tempo e o mundo. A verdade de cada criatura não está no passado: eu não sou o produto dos meus pais e da minha história passada. A nossa verdade está no futuro, no futuro para o qual está orientada. A Páscoa de Cristo não é um evento passado. A Páscoa é o motor da história, é o destino que atrai toda a história em direção ao seu cumprimento.

Evágrio Pôntico, monge do século IV, escreveu: “*Se queres conhecer aquilo que és, não olhes o que foste mas sim o ícone que Deus tinha em mente ao criar-te*”.

Na liturgia, de modo particular na liturgia eucarística, nós vivemos uma antecipação do nosso destino. A Eucaristia é um caminho ascensional através do qual somos conduzidos ao Reino, na luz da Jerusalém celeste. E o que é que se abre diante de nós? É-nos revelado o horizonte definitivo, a perspetiva mais verdadeira, aquela que o filósofo russo Pavel Florensky chamou “perspetiva invertida”. Trata-se da perspetiva que encontramos nos ícones onde não é o artista ou o espectador a ditar o seu ponto de vista, são antes as coisas que vêm ao seu encontro. Não somos nós que penetramos naquele espaço a partir das nossas regras, mas é o mundo divino que irradia em direção a nós, e nós, acolhendo-o, podemos entrar nele. Assim, na liturgia nós chegamos a contemplar a presença de Deus, o três vezes Santo, somos inseridos num espaço e num tempo novos e ultrapassamos o valor da criação marcada pela corrupção. A criação está marcada pelo pecado e pelo

fechamento a Deus; o tempo da liturgia, pelo contrário, é o dia da redenção, o oitavo dia, ou seja, a realização deste tempo e o início de um tempo novo.

Aqui se encontram a esperança e a beleza: na casa do Pai, onde Cristo nos preparou um lugar (Jo14,2), onde estamos “já” escondidos com Cristo em Deus (Col3,3).

A perspetiva invertida, a luz que nos vem do êschaton, não é uma pia ilusão ou uma fuga deste mundo. É antes um juízo que já se cumpriu sobre a nossa vida e sobre este mundo. Na praça de ouro da Jerusalém celeste nós contemplamos quem somos verdadeiramente e vemos, no espelho da verdade, quem são os nossos irmãos. Aí, posso colher o sentido da minha missão, do meu trabalho quotidiano, e descubro o destino da criação. Como veem, trata-se portanto de uma perspetiva muito concreta e menos idealística do que a que temos, pelo contrário, em tantos dos nossos projetos! Nós frequentemente trabalhamos para construir um bem, um mundo melhor, mas fazêmo-lo a partir de um programa, eventualmente “religioso”, mas ainda baseado sobre aquilo que “nós” somos capazes de fazer, sobre a nossa capacidade, sobre a nossa obra. Se invertermos a perspetiva veremos, ao contrário, como Deus vê esta realidade, a que é que a chama, vejo quem sou e por que coisa devo morrer.

Se eu me vejo já partícipe da liturgia do Cordeiro na praça de ouro descrita no Apocalipse, então viverei e farei escolhas de acordo com esta visão e não com base no que é descrito pelo projeto pastoral. Assim se purifica também o objeto da nossa esperança: se as nossas esperanças são tão pobres e frágeis que se perdem no caminho, é porque ainda trabalhamos para nós mesmos, e esperamos as nossas ideias. Mas se elas morrem tão facilmente, então sobre que coisa estavam fundadas?

A Esperança não pode morrer porque já ressuscitou. Se as nossas esperanças se perdem no caminho é porque ainda não aprendemos a esperar. Na Igreja continuamos a esperar o sucesso, os números, o fruto das nossas obras. Esperamos que as nossas associações cresçam, esperamos que o nome de Cristo seja reconhecido nos nossos ambientes de trabalho... mas será que colocámos estas esperanças à luz do Apocalipse? Na base de uma perspetiva de futuro, é verdadeiramente isto que está destinado a permanecer?

A nossa Igreja do Ocidente viveu nos últimos séculos preocupada em mostrar ao mundo a sua capacidade. Enchemos o mundo de “obras boas”, mas, como disse uma vez João Paulo II, o mundo não louvou a Deus como Cristo tinha ordenado: que os homens, vendo “*as vossas boas obras deem glória ao vosso Pai que está nos céus*” (Mt5,16).

Porque, como tentámos dizer, uma pessoa é atraída pelo que é belo, não pelo que é “ótimo”. A capacidade é ainda fruto de um sucesso pessoal, enquanto que a beleza não a podemos dar a nós próprios, é fruto de um dom.

Neste sentido, parece-me que a nossa tarefa como cristãos é também a de suscitar no mundo uma esperança. Como? Antes de mais através de uma obra de revelação e não de uma “demonstração”. A revelação é um testemunho, um *martyria*, e hoje, não menos do que nos primeiros séculos, comporta sacrifício e humilhação; mas na expolição a que o mundo tem submetido a Igreja, revela-se um rosto mais autêntico de Cristo, a beleza kenótica do amor, que é belo porque se oferece, é belo porque se consome, é belo porque não guarda nada para si mas antes deixa transparecer uma vida superior. E se existe um chamamento à revelação, não é menos importante o chamamento à transfiguração.

Trata-se de uma responsabilidade em relação à criação, que tem necessidade da obra do homem redimido para que também ela revele o rosto belo de Cristo. O homem tem, de facto, uma tarefa



sacerdotal que recebeu do próprio Deus desde o princípio da criação: a de cultivar e guardar o jardim em que foi colocado pelas mãos do Criador. Sabemos como o pecado perverteu não só a relação do homem com a criação mas também instilou um veneno na própria criação, que, como bem vemos, surge diante de nós muito mais como inimiga do que como jardim acolhedor. Isto está diante dos nossos olhos todos os dias: basta pensar nesta vossa terra recentemente devastada pelos incêndios.

MAS - há um “mas”! “*Onde abundou o pecado, superabundou a Graça*” (Rom5,20). Não faltou o desígnio de Deus, nem a vocação do homem. Pelo contrário, na redenção de Cristo nós descobrimos uma nova tarefa em relação à mesma criação que, como diz S. Paulo, espera alguma coisa de nós. O caminho do homem não é só aquele de conformar-se sempre mais a Cristo, mas é também aquele de reconduzir a Cristo todas as coisas.

O poder transfigurador da liturgia reflete-se na nossa relação com as *coisas materiais*: ter a casa limpa e arrumada, decorar o ambiente, preparar as refeições, tudo reflete a qualidade do coração das pessoas.

E para concluir parecem-me particularmente adequadas estas palavras de Jean Vanier que vos deixo de bom grado, desejando que a esperança do Reino invocada pelo meu amigo Giuseppe possa refulgir com toda a sua beleza na nossa vida e na nossa Igreja:

«As mil pequenas coisas que devem ser feitas todos os dias, este ciclo que consiste no sujar e no limpar, foram dadas por Deus para permitir aos homens comunicar através da matéria. Cozinhar e lavar o chão podem tornar-se um modo de manifestar aos outros o próprio amor. Quando se coloca amor numa atividade ela torna-se bela, e o fruto dessa atividade é belo. Numa comunidade em que haja fealdade falta o amor. Mas a beleza maior é uma beleza despojada e simples em que tudo está orientado para o encontro das pessoas entre elas e com Deus. O amor não é fazer coisas extraordinárias, é fazer coisas normais com ternura».

Paolo Galardi

Conferência proferida no IV Encontro Nacional de Leigos «*Este é o Tempo para esperar contra toda a esperança, para trabalhar pela Justiça e pela Paz, para amar as pessoas, para amá-las uma a uma*», a 18 de novembro de 2017, em Viseu